

A passagem acima evidencia a luta do verde (face adulta), que tenta se descompor em azul e amarelo (a infância). Há uma tentativa de retrocesso, o autor quer voltar à sua infância, que foge no rolar da bola e que volta neste mesmo rolar. O poeta a persegue num sem-fim que está também representado pelo rolar da bola, a criança azul e amarela e o adulto verde buscando-se no mesmo ser, alternando-se no mesmo ser.

A confusão se intensifica:

“E dum lado para outro, da direita para a esquerda...”

A bola é o elemento que promove as transformações. Ela dispersa e reagrupa de maneira diferente os vários elementos. O maestro não é exatamente aquele que rege a orquestra, o muro não é precisamente aquilo que limita o quintal. O muro agora é feito de gestos de batuta e rotações confusas de cães verdes, cavalos azuis e jockeys amarelos. Novamente uma alegoria: os limites de sua infância (o muro) se desmaterializam, o muro já não é de concreto, mas de brinquedos, a infância ganha espaço, se eterniza.

Os elementos circulam, o poema é circular. Os elementos se repetem regularmente espaçados, de tal modo que podemos visualizar um carrossel. Vão e vêm o cavalo, o muro, a bola, o jockey, a música. Porém, retornam sempre mudados, têm outras funções, confundem-se.

Quando um novo elemento é apresentado (o homem da loja onde o poeta comprou a bola), quebra-se o equilíbrio no carrossel. A música pára. E, do mesmo modo como tudo começou com a música, tudo então se acaba juntamente com a música. Desfeita a quimera, o maestro (novamente maestro) torna-se negro. Fogem as cores e cessa a lembrança. Resta entretanto a bola branca, o autor voltará, ainda que em sonhos, a seus verdes anos.

* * *

O maior mérito de Fernando pessoa nesse poema não vem exatamente de seu estilo vigoroso. Vem do fato de ter-nos apresentado, em sua saudade, de maneira tão adulta e tão infantil, a sua infância, com todos os requintes exigidos pela meninice.

O poema é belo, é vigoroso, pulsa intensamente. um pulsar moleque, carregado da graça do menino e seu cachorro, do menino e sua bola, do menino e seus brinquedos, suas fantasias. E quem nos garante que o poeta ao escrever cavalo não tinha em mente a vassoura velha em que montava?

Sim, o poeta cria um quadro e depois enriquece-o. E a gente se surpreende enriquecendo-o ainda mais com as cores da nossa própria infância.